

ASSIM É, SE ASSIM LHE PARECE: Memória e representação do (s) Maranhão (ões) no jornalismo impresso maranhense¹

Josefa Melo e Sousa Bentivi Andrade – Zefinha Bentivi²

Universidade Federal do Maranhão
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo reflete sobre o poder e o fascínio de narrativas que se contam e se recontam, como forma de uma memória monumental sobre o Maranhão, enfatizando-se a função de representação e mediação das narrativas noticiosas. Discute-se o papel do jornalismo, na construção/representação e reprodução de um sistema explicativo da cultura de uma região em que os paradoxos se enredam e se tecem, em narrativas várias, contudo é no jornalismo que, cotidianamente, os Maranhões são tecidos em tramas discursivas que se revelam poderosos instrumentos de disputa e diferenciação.

Palavras-chave

Jornalismo; Narrativas; Memória; Representação.

INTRODUÇÃO

No conto *Pirlimpisquice*, do escritor brasileiro Guimarães Rosa (ROSA, 1962), o narrador-personagem, numa situação-limite, foi impelido a recorrer a uma estória “falsa”, para encenar na escola. Isto porque a “verdadeira” deveria ficar guardada, em segredo, até o dia da apresentação da peça. Já a estória “falsa” circulava e era recontada por todos os garotos da escola. Quando, enfim, chegou o grande dia da apresentação, ninguém sabia contar a estória “verdadeira”. Contou-se, afinal, a estória de que todos lembravam: a “falsa”. Foi um sucesso!

Trazer à cena Guimarães Rosa (em livre interpretação) possibilita refletir sobre o poder e o fascínio de narrativas que se contam e se recontam, como a história da *Athenas*

¹ Trabalho apresentado no GP de Jornalismo Impresso do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Mestra em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutoranda em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Especialista em Jornalismo Cultural pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA. E-mail: zefinhabentivi@yahoo.com.br

*Brasileira*³, construída na primeira metade do século XIX, (BORRALHO, 2009) como estratégia dos setores dominantes da sociedade maranhense de então, para participar do projeto de construção da identidade nacional em curso, um sistema explicativo da cultura maranhense, como espaço de poder e legitimação social, construído por intelectuais da província, principalmente escritores e jornalistas, alguns com projeção nacional, que se dispunham a intérpretes do seu tempo, construtores e condutores de um Maranhão que precisava se tornar visível no império brasileiro. Um Maranhão “europeu”, de simbologias rebuscadas, convivendo com o Maranhão dos escravos, da mestiçagem, da maioria iletrada da província.

Nos termos de Huysen (2000), compreende-se *a Athenas Brasileira* como uma memória monumental sobre o Maranhão. Acompanhando o autor, uma categoria estética e política, a que o jornalismo recorre, com frequência, na contemporaneidade, para representar o Maranhão e sua gente. Nessa perspectiva, faz-se uma discussão sobre os processos de representação de uma região a respeito da qual se enredam e se tecem narrativas várias, sobretudo narrativas noticiosas.

MEMÓRIAS EM DISPUTA: Narradores e intérpretes da Athenas

O homem está na cidade
Como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade
[...]
mas variados são os modos
Como uma coisa
está na outra:
o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está
em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas (GULLAR, 1991, p. 273).

Em seu “Poema Sujo”, o poeta maranhense Ferreira Gullar traduz um momento especial da vida brasileira, mas, sobretudo, traduz a si mesmo e a sua terra. Da evocação da infância e da juventude, na cidade da São Luís do Maranhão, o poeta sintetiza-se e, assim, diz de um lugar em que seu corpo e o corpo da cidade se fundem, isto é, o mundo da cidade

³ Segundo Barros, a *Athenas*, enquanto elemento dístico da singularidade maranhense, tem sido reapropriada desde sua ereção para aplacar uma marca regional, um *ethos* deste lugar, ainda que de forma antagônica; no século XIX, para legitimar a sociedade escravista, no XX, para incorporar os segmentos que outrora não eram percebidos enquanto sujeitos sociais. Assim sendo, “o Maranhão é reatualizado como *Athenas Brasileira* e São Luís como única capital brasileira fundada por franceses” (BARROS, 2007, apud BORRALHO, 2009).

é construído pelos significados dos mundos interior e exterior do escritor. Também diz muito sobre as formas discursivas como os maranhenses interpretam a si mesmos e a sua terra, numa certa hermenêutica da cultura local que se mantém apreensível em narrativas contemporâneas produzidas no/sobre o Maranhão, principalmente as literárias e midiáticas.

Narrativas que hibridizam tempos, espaços e discursos, por meio da hiperbolização dos fenômenos e da conseqüente monumentalização da memória. Monumento que, de acordo com Andreas Hyssen (2000, p.52, 53), comporta a noção de grandeza, historicamente contingente e estável, com apelos de eternidade e permanência. Por oportuno, destaca-se a reflexão do autor quanto à possibilidade de que a cultura midiática, pelo excesso, pela sobrecarga, coloque em perigo de implosão o sistema de memória, disparando o medo do esquecimento. Nesse contexto, ele problematiza também sobre a impossibilidade da formação de memórias coletivas estáveis, em razão da dinâmica atual da mídia e da temporalidade.

As contrastantes e cada vez mais fragmentadas memórias políticas de grupos sociais e étnicos específicos permitem perguntar se ainda é possível, nos dias de hoje, a existência de formas de memória consensual coletiva e, em caso negativo, se e de que forma a coesão social e cultural pode ser garantida sem ela. Está claro que a memória da mídia sozinha não será suficiente, a despeito de a mídia ocupar sempre maiores porções da percepção social e política do mundo (HUYSSSEN, 2000, p. 19).

Partilha-se das concepções do autor. De certo que a mídia sozinha não dá conta da complexidade da construção e reconstrução da memória social/coletiva. Observa-se, contudo, que, no Maranhão, em regime de convergência ou divergência, o espaço público (principalmente o midiático) é um *locus* privilegiado de disputa de memórias, em representações que constroem sentidos aos diferentes e, às vezes, inconciliáveis eventos. Para ilustrar o jogo de significações e/ou as disputas de memória, apresentam-se narrativas produzidas por dois maranhenses ilustres: o cantor e compositor Zeca Baleiro (texto 01) e o senador José Sarney (texto 02) que constroem sentidos e valores sobre o Maranhão, ora em oposição, ora em convergência:

Texto 01

O Maranhão é um Estado do Meio Norte brasileiro, um preciosismo para nomear a região geograficamente multifacetada que é ponto de interseção entre o Nordeste e a Amazônia. Com área de 330 mil km², pleno de riquezas naturais, tem fartas agricultura e pecuária, uma culinária rica e diversa e uma cultura popular exuberante. *Não obstante tudo isso, pesquisa recente coloca o Estado como o segundo pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do País, atrás apenas de Alagoas.*

Sou maranhense. *Nasci em São Luís, capital do Estado, no ano de 1966, mesmo ano em que o emergente político José Sarney assumiu o governo estadual, sucedendo o reinado soberano do senador Vitorino Freire, tenente pernambucano*

que se tornou cacique político do Maranhão, a dominar a cena estadual por quase 40 anos. De 1966 até os dias de hoje, são outros 40 anos de domínio político no feudo do Maranhão, este urdido pelo senador eleito pelo Amapá José Sarney e seus correligionários, sucedâneos e súditos, que gerou um império cujo sólido (e sórdido) alicerce é o clientelismo político, sustentado pela cultura de funcionalismo público e currais eleitorais do interior, onde o analfabetismo é alarmante.

O senador José Sarney, recém-empossado presidente do Senado em um jogo de caras barganhas políticas, parecia ter saído da cena política regional para dar lugar a ares mais democráticos, depois de amargar a derrota da filha Roseana na última eleição ao governo do Estado para o pedetista Jackson Lago. Mas eis que volta, por meio de manobras politicamente engenhosas e juridicamente questionáveis, para não dizer suspeitas, orquestrando a cassação do governador eleito, sob a acusação de crime eleitoral, conduzindo a filha outra vez ao trono de seu império. Suprema ironia, uma vez que paira sobre seus triunfos políticos a eterna desconfiança de manipulações *eleitoreiras* (a propósito, entre os muitos significados da palavra *maranhão* no dicionário há este: "mentira engenhosa").

Em recente entrevista, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso disparou frase cruel: "Não vamos transformar o Brasil num grande Maranhão." A frase, de efeito, aludia a uma provável política de troca de favores praticada pelo Planalto atualmente - segundo acusação do ex-presidente -, baseada em jogo de interesses regionais tacanhos e tráfico de influências. Como alguém nascido no Maranhão, e que torce para que o Estado alcance um lugar digno na história do País (potencial para isso não lhe falta, afinal!), lamento o comentário de FHC, mas entendo a sua ironia, pois o Maranhão tornou-se, infelizmente, ao longo dos tempos, um emblema do que de pior existe na política brasileira. *Não é de admirar que divida o ranking dos "piores" com Alagoas, outro Estado dominado por conhecidas dinastias familiares.*

Em seus tempos de apogeu literário, São Luís, a capital do Maranhão, tornou-se conhecida como a "Atenas brasileira". Mais recentemente, pela reputação de cidade amante do reggae, ganhou a alcunha de "Jamaica brasileira". Não me espantará que num futuro próximo o Maranhão venha a ser chamado de "Uganda brasileira" ou "Haiti brasileiro". A semelhança com o quadro de absoluta miséria social a que dois célebres ditadores levaram estes países - além do apaixonado apego ao poder, claro - talvez justificasse os epítetos. [grifo nosso] (BALEIRO, 2009).

Texto 02

Perguntaram-me outro dia, numa entrevista, sobre minha relação com o Maranhão, o que eu sentia além da terra de nascimento, das relações familiares e da vida na política. *Respondi que havia um sentimento de amor que reunia todas essas circunstâncias que foram dadas pelo destino ou pelo nascimento, desde que os meus olhos se abrissem numa chuvosa manhã de abril em Pinheiro. A minha frase, já transformada em quase provérbio para mim, é a de que o Maranhão é minha terra e minha paixão.* Mas ela não diz tudo, pois as palavras, mesmo transcendentais, são incapazes de traduzir aquilo que nós sentimos. Gilberto Amado, quando expressava sua gratidão, dizia "não tenho palavras".

Não tenho palavras para expressar o que verdadeiramente me une ao Maranhão. Como intelectual essa relação é mais difícil, porque a inspiração não se completa pela impossibilidade de dizer.

É aquilo que Afonso Arinos diz no seu livro "Amor a Roma" que "embora descrito não completava". É amor demais e para mim há uma realidade que me faz misturar numa síntese São Luís e Maranhão. Não há um só dia que uma saudade que não passa não me faça pensar no meu estado. *De todas as interpretações que existem sobre a palavra Maranhão, para mim a que mais me agrada é mar grande, mar-a-nhão.*

Na minha longa vida, tive a oportunidade de assistir às transformações que se operaram no estado, de tal modo que nos tempos atuais eu vejo o tempo do passado e nesse passado o tempo do futuro e posso repetir como Vieira: "Tenho

saudade do futuro”. Nasci em 1930, e naquele tempo o Maranhão ainda estava no século XIX, mergulhado numa extrema pobreza e numa total falta de perspectivas quanto aos anos que viriam. Quando, depois de percorrer quase todo o estado com meu pai promotor, perseguido, de cidade em cidade, cheguei a São Luís para estudar no Colégio Maristas, a cidade tinha cerca de 80 mil habitantes. Não tinha automóveis (seis a oito apenas), só tinha os nossos encantados bondes e casario quase deserto, os becos e seus mistérios, a carruagem de Ana Jansen e a Manguda que aparecia nas noites de lua nova.

Minha geração de poetas consumia as madrugadas lendo poemas ao pé da palmeira de mármore de Gonçalves Dias, em sua praça de palmeiras. *Deus me deu a ventura de liderar essa geração de poetas e formular e conduzir a mudança da mentalidade e o planejamento que viria transformar o estado num dos maiores da Federação. Hoje tem o segundo porto do Brasil, o gás descoberto em Capinzal do Norte, a Refinaria da Petrobrás, que muito devemos ao competente e devoto líder, ministro Edison Lobão. Tem a Siderúrgica de Açailândia, os projetos de celulose da Suzano em Imperatriz e Chapadinha, a Base de Alcântara, as centenas de indústrias que estão chegando. Tudo isso nos faz ter certeza do grande futuro.*

Mas não se faz uma terra sem povo e o povo maranhense tem sua identidade na cultura popular, no jeito de ser maranhense, na bondade, na beleza e no gosto alegre de viver.

É assim que caminhamos para os 400 anos de São Luís, no próximo ano. E nós que vivemos esses dias *vamos dar graças a Deus por sermos testemunhas desse momento em que podemos de (sic) lançar um olhar sobre o nosso passado e louvar o presente, com a nossa governadora Roseana, essa flor de mulher que tanto tem feito e trabalhado pelo Maranhão.*

Assim, para terminar como comecei, meu sentimento para com o Maranhão é de amor demais, Maranhão, meu amor. [grifo nosso] (SARNEY, 2001, p. 1).

Os textos têm em comum a temática: o Maranhão, numa visão que engloba aspectos da natureza, do mundo político e cultural; uma avaliação sobre o Maranhão atual, fincada em elementos do passado; a metalinguagem quanto à designação atribuída ao Maranhão; a admissão do caráter de pertencimento dos narradores ao espaço geográfico em discussão.

As histórias, porém, são outras. Dos conflitos ou da funcionalidade dos discursos emergem novos enredos. Os narradores-personagens apresentam dois Maranhões: “o Maranhão de Zeca Baleiro” e “o Maranhão de José Sarney”. O primeiro é uma terra de riquezas naturais e culturais (povo e natureza exuberantes), vilipendiado, contudo, pelas ações nefastas de duas elites políticas. A atual, no poder há mais 40 anos, tem como líder o senador José Sarney a quem Baleiro atribui os baixos índices de qualidade de vida e o atraso econômico e social do estado, além dos desmandos engendrados por uma forma de fazer política marcada por clientelismo, barganhas e por uma questionável legitimidade eleitoral. O narrador reafirma sua maranhensidade, pelo caráter de pertencimento ao lugar em que nasceu, mas faz questão de desconstruir este Maranhão que, conforme se depreende de sua narrativa, é uma região cuja designação, entre tantas, seria: *Maranhão = Mentira Engenhosa*. Tal designação estaria mais adequada ao contexto presente. Infere-se da construção discursiva de Baleiro uma proeminência da figura do senador José Sarney e seu

grupo e a atribuição de responsabilidade a este político pelo abandono em que se encontra o estado.

Observa-se que, por meio de estratégias discursivas⁴, como a citação de índices socialmente acolhidos como critério de verdade (IDH), bem como a recorrência à palavra do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Baleiro descortina, num jogo de significações e atribuições de sentidos ou de verdades, um Maranhão (território e gente) vitimizado por um vilão. Constata, lamenta e faz previsão pessimista para o futuro da terra. Apesar do caráter “desmistificador” empreendido por Baleiro, há no texto a recorrência a um passado de apogeu do Maranhão, mesmo que seja nas artes literárias, *status* que se revela importante, a ponto de servir como referência para o temor que Baleiro demonstra, quando se reporta a outros epítetos depreciativos a que o estado poderia (poderá) fazer jus no futuro.

O Maranhão de Sarney é também uma terra de riquezas naturais e culturais (povo e natureza exuberantes), povo principalmente, a quem o narrador atribui a maior riqueza. Bem ao contrário do Maranhão de Baleiro, o Maranhão de Sarney é hoje uma das “maiores unidades da federação”, tudo pelas mãos de um grupo de poetas que ele (Sarney) “teve a ventura de liderar” num processo de mudança de um Maranhão do século XIX, sem marcas de desenvolvimento, ainda dominado por uma cultura envolta em misticismos, para um Maranhão desenvolvido. Nota para a qualificação daqueles a quem coube mudar o Maranhão – não foram políticos, empresários, administradores ou similares, mas “poetas”. Suposto está que essa categoria sobrepõe-se às demais na escolha do narrador.

É imprescindível informar que José Sarney, ao vencer as eleições para o governo do estado do Maranhão, em 1966, bradou: “*é a poesia no poder*”. Segundo Borralho (2009, p. 45), “por entender que ser literato e toda a simbologia que disso decorre no Maranhão o credenciava para o exercício do cargo”. Acrescenta-se que Sarney fez parte do grupo denominado “Movimento Modernista” (Geração de 1945 e 1950), herdeira da “tradição literária” que se cultua no estado, como forma de organizar um sistema explicativo ou uma arqueologia da cultura maranhense, cujos valores, construídos retoricamente, apontam para representações de “superioridade” do maranhense.

⁴ Estratégias, na análise do discurso, conforme Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 219) “dizem respeito ao modo como um sujeito (individual ou coletivo) é conduzido a escolher (de maneira consciente ou não) um certo número de operações languageiras”.

É desse lugar de fala⁵ que se manifestam Baleiro e Sarney quando traduzem o Maranhão em suas narrativas. Assim, estabelecendo-se um paralelo entre os dois textos, nota-se que o articulista Sarney, convergindo com Baleiro, atribui-se a responsabilidade por este Maranhão “venturoso e próspero” (a ele próprio e a seu grupo político), citando, nominalmente, o atual ministro de Minas e Energia, Edison Lobão e sua filha, a governadora Roseana Sarney. Como critério de verdade, o narrador faz um paralelo do Maranhão de sua infância e juventude, um estado de “extrema pobreza”, ainda que envolto numa atmosfera de mistérios, romantismo, poesia e um provincianismo boêmio e o Maranhão do presente que se fez por meio de ações, suas e de seu grupo político. Para tal, cita os diversos empreendimentos econômicos implantados ou a serem implantados no estado pela “*flor de mulher*” [grifo nosso] (SARNEY, 2001, p. 1), a governadora Roseana Sarney.

Assim como Baleiro, Sarney reafirma sua maranhensidade, pelo caráter de pertencimento ao lugar em que nasceu. Ufana-se, revela-se um apaixonado pela terra a ponto de também optar por uma denominação que estaria (está) mais adequada para designar o Maranhão: *Maranhão = mar grande ou mar-a-nhão*. Nota-se que parte das estratégias discursivas do narrador José Sarney enfatiza o amor que este personagem-narrador dedica ao Maranhão e a enorme contribuição que ele (Sarney com o grupo que lidera) deu/deram ao Maranhão.

A construção discursiva de Sarney mantém, desse modo, a temática de Baleiro, bem como a personagem central: o político José Sarney e seu grupo, em torno de quem parece legítimo aos dois discutir o Maranhão. Nessa linha de raciocínio, se Sarney e Baleiro convergem quanto à concepção de poder, não ocorre o mesmo em relação à avaliação ou à valorização da atuação deste. Eis porque um discurso ordenado a partir de uma mesma região produz efeitos de sentido tão antagônicos. De modo que, se o futuro do “Maranhão de Zeca Baleiro” é uma possibilidade de ruína, o “Maranhão de José Sarney” tem grandeza a ponto de o narrador conclamar a todos para agradecer e louvar a Deus pelo presente que possibilita vislumbrar um futuro de conquistas.

⁵ Noção utilizada no estudo das interações verbais, extraída de Foucault (1978 apud CHARUADEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 314-315): “Cada um tem acesso a sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que transcende; esse conjunto implica que não existe fala que não seja emitida de um lugar e que não convoque o interlocutor a um lugar correlativo; seja porque essa fala pressupõe apenas que a relação de lugares está em vigor, seja porque o locutor espera o reconhecimento de seu lugar específico, ou obriga seu interlocutor a se inscrever na relação”.

Um Maranhão tão paradoxal e hiperbólico que se corre o risco de pensá-lo como um espaço que não existe e, portanto, não representável, considerando-se um “regime específico de relações entre mostração e significação” (RANCIÈRE, 2003, p. 146), um regime que sugere, ainda acompanhando o autor,

Uma obrigação de um determinado conjunto de condições que define as propriedades que os temas da representação devem possuir para permitir uma submissão adequada do visível ao dizível; certo tipo de inteligibilidade concentrado no encadeamento das ações, e uma partilha bem regulada da proximidade e da distância entre a representação e aqueles a quem ela se endereça. (RANCIÈRE, 2003, p. 147).

O autor, contudo, identifica, no regime estético da arte, que a estabilidade entre mostração e significação não resulta em ausência de, muito menos na inexistência de algo que está representado e “essa desregulagem vai no sentido não de menos, mas de mais representação: mais possibilidades de construir equivalências, de tornar presente o ausente” (RANCIÈRE, 2003, p. 147). Nesses termos, defende-se que a tese do autor é aplicável não apenas ao regime estético da arte, mas também aos variados campos de experiências narrativizadas, inclusas as representações realizadas pelas narrativas noticiosas.

Assim concebendo, é que vemos emergir dos textos examinados (Sarney e Baleiro) Maranhões tão díspares a ponto de se questionar: qual é o verdadeiro Maranhão? Acredita-se não haver resposta para tal questão, contudo é possível afirmar que o contexto em que o discurso é produzido diz respeito a um universo exterior aos participantes do ato de comunicação, mas, igualmente, reflete as posições político-ideológicas dos narradores. Estes que se creem com legitimidade, credibilidade e autoridade para falar sobre. Nesse sentido, reafirma-se com Juremir Silva que:

[...] as narrativas do vivido não apresentam a prova da prova, mas fotografam os campos de luta, de interação e de partilha simbólica. Cartografam os espaços de conjunção da carne social. Narra-se a polifonia do existente: a explosão inútil, irreduzível e sempre renovada da vida. Não se aborda “o” tema essencial, mas se descrevem os temas que configuram um imaginário, aqueles que ligam os indivíduos e cimentam as sociedades (SILVA, 2012, p. 82).

OS SEMIÓFOROS E AS REPRESENTAÇÕES DO (S) MARANHÃO (ÕES)

Nem sempre é fácil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real, um dos nós de qualquer política de memória em qualquer lugar. O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos de realidade. Em suma, a memória se tornou obsessão cultural de proporções universais em todos os pontos do planeta (HUYSSSEN, 2000, p. 16).

As concepções de Huysssen iluminam o caminho que se toma nesse trabalho, tendo em vista que se parte da premissa de que a história se constitui de memórias e estas tecem e

retecem, continuamente, passados, presentes e futuros, por meio da construção de sentidos, em narrativas nas quais e pelas quais se representa o mundo. E falar de representação é falar de linguagem; é falar de signos que existem para representar coisas, ideias, sentimentos, tornando-os significantes socialmente.

De acordo com Hall (2009), a representação constitui-se de um *sistema mental* (formado pela relação que se estabelece entre o mundo exterior e os conceitos que lhes são atribuídos, individual e coletivamente, por sujeitos sociais, o que permite a sincronia e o compartilhamento de significados) e o *sistema de representação pela linguagem* (que corporifica e permite construir correspondência entre os mapas mentais e os signos, estes que se organizam em diferentes linguagens). Nessa lógica, representação é linguagem e, como tal, naturaliza a articulação entre o referente e a representação deste, por meio de estratégias de linguagens.

É necessário considerar, todavia, que os sentidos não são transparentes e, embora a condição de se pertencer a uma cultura seja o acesso a um universo conceitual e de linguagens, em que se compartilham sentidos e interpretações, esse processo requer interpretação, em nível denotativo e conotativo (BARTHES, 1984). E é no nível conotativo que crenças, ideologias e valores transformam-se em significados e, em interação com a cultura, produzem e reproduzem representações, gerando, inclusive, os mitos. O que, para o autor, é uma metalinguagem, uma vez que é uma segunda linguagem que fala de uma primeira. Em relação à *Athenas Brasileira* a primeira linguagem diz respeito a uma organização social, uma explicação sobre o passado do Maranhão, a fundação de uma etilogia, um *ethos* das coisas do Maranhão (BORRALHO, 2009, p. 109).

É, pois, partindo desses princípios, que se afirma que, para além da identificação das estratégias de linguagem utilizadas por José Sarney e por Zeca Baleiro (nossos convidados nessa viagem), evidencia-se, com os exemplos, o fenômeno que Regina Abreu (1996 apud BORRALHO, 2009) denomina de homens-semióforos – sujeitos sociais que se dispõem à função de intérpretes ou narradores do seu tempo – os quais, por meio da literatura, do jornalismo e, principalmente, pela construção de biografias, tornam-se suportes materiais de ideias. “Os semióforos são, portanto, pontes entre o mundo visível e o mundo invisível, desempenham a função de intermediários entre os espectadores e o mundo invisível de que falam os mitos, os contos e as histórias” (ABREU, 1996 apud BORRALHO, 2009, p.19). Sobre semióforos, Borralho explicita:

Nomes, instituições, partidos, situações e circunstâncias em que tais atores sociais se manifestam enquanto intérpretes, administradores, chefes políticos, arautos do saber. A visibilidade desses atores estava lastreada pela construção de biografias, ou seja, era necessário fazer conhecer como os organizadores da cultura oficial maranhense deveriam ser emblematizados enquanto pessoas insígnias, já que recarregavam a missão da construção da vida pública (BORRALHO, 2009, p. 19).

Assim, com a ambição desses atores sociais de se autorreferenciarem, a partir do espaço que ocupavam, é que a capital do Maranhão tornou-se a *Athenas Brasileira*. Dos arquivos⁶ disponíveis, consta que tudo surgiu a partir do *Grupo Maranhense* (1832-1868), formado por intelectuais da província Maranhão, principalmente jornalistas/escritores, alguns com projeção nacional, identificados com os ideais iluministas, (base ideológica e estética dos movimentos literários *Arcadismo* e *Romantismo*, com destaque para Antônio Gonçalves Dias⁷, João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis, Antônio Henriques Leal e Manoel Odorico Mendes, entre outros, além de homens públicos de destaque na província).

Demarca-se que, embora não constituísse um grupo homogêneo, (bem ao contrário disso, mantinham-se, entre eles, divergências estéticas e ideológicas claramente observáveis, em textos produzidos pelos integrantes do grupo), o *Grupo Maranhense* ou os letrados da província do Maranhão da primeira metade do século XIX constituíram um arquivo, nos termos de que trata Didi-Huberman. O autor alerta:

[...] Mas nem por isso o arquivo é reflexo puro e simples do acontecimento, nem a sua pura e simples prova. Pois ele deve ser sempre elaborado mediante recortes incessantes, mediante uma montagem cruzada com outros arquivos. Não se deve nem sobrevalorizar o caráter imediato do arquivo, nem subvalorizá-lo como mero acidente de conhecimento histórico. O arquivo exige a sua permanente construção (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 131).

Nessa perspectiva, Rafael Resende (2007, p. 81) afirma que a *Athenas Brasileira* não foi exatamente elaborada pelo Grupo Maranhense, mas consolidada em torno da ação individual de cada literato com base em sólidos princípios românticos, como “a grandeza da nação, o culto à maestria do poeta, do gênio criador, a relevância da narrativa literária enquanto fomentadora de uma ‘realidade’ simbolizada textualmente”.

⁶ Arquivo aqui concebido a partir das reflexões de Didi-Huberman como aquilo que desmembra a compreensão histórica em virtude de seu aspecto de fragmento [...] que liberta um efeito de real absolutamente imprevisível e nos fornece o esboço vivo da interpretação a construir. (DIDI-HUBERMAN, 2012, 130).

⁷ Ao maranhense Gonçalves Dias coube o papel de consolidar a escola romântica no Brasil, ao lado do escritor José de Alencar. Ambos foram decisivos na formação de um temário nacional em nossa literatura e se aprimoraram no sentido de assegurar a *brasilidade* literária, a sua *cor local*. Ligado ao grupo de Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias imprimiu à sua poesia um tom particular – uma aliança da razão ao sentimento – legando ao Romantismo brasileiro, “a mais equilibrada poesia romântica”, no julgamento de Manuel Bandeira. (CAMPEDELLI; SOUZA, 2000, p. 189).

Convém acrescentar que, na constituição da imagem de distinção, São Luís e o Maranhão se confundem estendendo-se para o Maranhão inteiro as representações de “superioridade” da gente e da terra da província. Borralho explica o que há de comum entre os maranhenses que erigiram o mito da Athenas Brasileira e a Grécia Clássica: o caráter racista e preconceituoso. Na Grécia Clássica, as culturas afroasiáticas foram sistematicamente negligenciadas. No Maranhão, “imerso na escravidão, a fundação de uma província com características específicas, dotada de figuras ‘geniais’, privilegiou aspectos europeizantes em detrimentos dos africanos e indígenas. *Esta escolha foi consciente*” [grifo nosso] (BORRALHO, 2009, p. 16).

Da literatura disponível⁸, o paralelo São Luís/Athenas ou Maranhão/Grécia tornou-se plausível, pelo menos discursivamente, exatamente porque “tais figuras geniais” organizavam as instâncias legitimadoras, controlavam o aparato burocrático do estado, didatizavam o passado, construíam o futuro, conduziam o presente.

[...] frações de classe do Maranhão, colocando-se na condição de organizadores de toda a cultura maranhense, optaram conscientemente em selecionar e erigir determinadas representações em detrimentos de outros seguimentos sociais que, embora presentes no labor do dia-a-dia do sol tórrido do Maranhão, sempre foram negligenciados (BORRALHO, 2009, p. 22).

DIZER É SER: O Maranhão nos jornais impressos maranhenses

Retomando Borralho (2009), hoje como ontem, as frações de classe da *Athenas* fizeram-se presentes e constituíram, pela via do jornalismo, um espaço simbólico de poder e legitimação social, responsável pelos processos de representação/diferenciação do (s) Maranhão (ões). Ilustra-se a afirmativa com a pesquisa realizada por Andrade (2011) na qual, de um universo de 459 e 449 notícias dos jornais impressos maranhenses *O Estado do Maranhão* e *Jornal Pequeno*, respectivamente, extraiu-se o *corpus* da análise, composto por 108 matérias jornalísticas, selecionadas pelos critérios de *regularidades temáticas, identificação de disputas por hegemonia política e pelas falas do e sobre o Maranhão, centradas na personagem José Reinaldo Tavares, ex-governador do estado (2003-2006)*, tendo em vista o rompimento político do governador com o grupo Sarney, uma situação que desestabilizou o grupo hegemônico da política maranhense.

⁸ A *Athenas Brasileira* é uma das temáticas mais estudadas na historiografia maranhense. Desde o primeiro trabalho de Antônio Henriques Leal (1873-1875), passando por Frederico Corrêa em resposta a Henriques Leal (1878) ao grupo cognominado de Neo-atenienses em fins no XIX, Antônio Lobo (1909), Reis Carvalho (1912), nunca deixou de fato de mencionar a questão da *Athenas*, quer na história, quer na literatura e/ou no jornalismo. Nos últimos anos têm surgido trabalhos revisionistas em dissertações de mestrado e teses de doutorado (BORRALHO 2009).

A análise referida centrou-se em três momentos ou fases: *a pré-ruptura*, quando o governador ainda estava alinhado ao grupo Sarney; *a ruptura*, quando a crise se instala entre o governador e o grupo e *a pós-ruptura*, quando, concomitante à crise política (ou como parte constitutiva desta), travam-se duas guerras: nas hostes políticas e na imprensa, tendo em vista que os meios de comunicação tornam-se porta-vozes dos grupos em disputa. Nesse sentido, os jornais transformaram-se em tribunas nas quais e pelas quais os Maranhões são representados como um espaço geográfico, mas, sobretudo, como um espaço simbólico da *Athenas Brasileira* no qual dizer é ser.

Ainda sobre a análise, importa informar que a personagem, José Reinaldo Tavares, em torno da qual os jornais representam o Maranhão ou os Maranhões, foi vice-governador de Roseana Sarney, em dois mandatos (1995/1998 e 1999/2002). Eleito governador com apoio do grupo Sarney (2003/2006), no meio do mandato, em 2004, rompeu com o grupo, aproximando-se da oposição, quando passa a sofrer uma campanha contrária ao seu governo, por parte dos veículos de comunicação ligados ao grupo Sarney. Por outro lado, os veículos de comunicação identificados com a oposição passam a dar apoio ao governador José Reinaldo.

Historicamente, pode-se afirmar que José Reinaldo Tavares, embora tenha ocupado, ao longo de sua vida, cargos públicos relevantes, tanto na esfera estadual quanto federal, sempre se manteve distante da visibilidade proporcionada pela mídia. Era um personagem opaco, sempre à sombra do político mais influente do estado, José Sarney e, assim viveu, até que foi alçado à condição de governador. Já no governo, os fatos se desenrolaram e desembocaram em uma crise do grupo.

Em decorrência da crise, portanto, realinham-se núcleos políticos que estavam em campos opostos (políticos que sempre fizeram oposição ao grupo Sarney passam a compor com José Reinaldo). De modo que, do rompimento, resulta uma reestruturação nas forças políticas do estado, com a emergência, inclusive, de novas forças políticas no espaço público. Tudo isso vai se tornando realidade para a população por meio da mídia, em especial, pelos veículos impressos. Assim, os jornais passam a construir novos cenários e novos efeitos de sentido sobre a política maranhense.

É, porém, no *Jornal Pequeno (JP)* e no jornal *O Estado do Maranhão (JEMA)*, que se evidencia mais forte a mudança editorial. O Estado do Maranhão, de aliado do governador, numa postura de porta-voz do governo, passa a desqualificar sua administração e a apontar as mazelas do estado. No discurso do *JEMA*, o Maranhão que, até o

rompimento, era o estado das oportunidades, dos grandes investimentos, torna-se um estado decadente. Já o *Jornal Pequeno*, de crítico ou indiferente ao governo, mas sempre oposição ao grupo Sarney, passa a legitimar José Reinaldo e seu governo e, por consequência, a defender a possibilidade de um Maranhão “livre”, um Maranhão que, a despeito de um processo histórico de “opressão” e “desmandos administrativos”, estaria vivendo um novo momento, com perspectivas de crescimento e prosperidade.

Por óbvio, mas necessário, destaca-se que os vínculos do jornalismo com a política não são privilégio do Maranhão. De acordo com Pinto (2010), existem variados níveis de dependência econômica e política que condicionam a mídia brasileira. O fenômeno, por conseguinte, tanto se registra nos grandes centros quanto nas periferias. A autora afirma, contudo, que:

Parte significativa dos teóricos da comunicação situou as diferenças estruturais e ideológicas desta em dois blocos: o da ‘grande’ imprensa ou jornalismo empresarial e a ‘pequena’ imprensa, na maioria das vezes vinculada a domínios políticos locais e regionais. Apontou-se o primeiro como o espaço do jornalismo comprometido com os leitores, e principalmente com os seus anunciantes, enquanto que o jornalismo regional configurou-se como um instrumento político. (PINTO, 2010, p. 41).

Essa concepção, de certa forma aceita como critério de verdade, é reposicionada por Pinto, uma vez que sua pesquisa demonstra que certas características do jornalismo regional são também verificadas no jornalismo nacional, como os laços políticos e econômicos. Assim, embora o jornalismo produzido nos grandes centros econômicos do país sustente-se na reivindicação de autonomia política, como pressuposto de qualidade e credibilidade, o proselitismo político, as parciaisidades, a dramatização e o libelo, entre outras práticas que revelam, claramente, adesão a grupos políticos, não são exclusividade do jornalismo maranhense o que torna mais complexo o fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomou-se, nesse trabalho, o mito da *Athenas Brasileira* para pensar o jornalismo (o jornalista) como intelectual, como semióforo da sociedade maranhense. Desse modo, reafirma-se que o jornalismo maranhense “traça um mapa subjetivo de acesso ao ser maranhense, aos mistérios e segredos da maranhensidade”. Esse valor, fundante no jornalismo impresso maranhense, pode-se comprovar, especificamente, nas construções narrativo-discursivas dos jornais analisados, nos movimentos de construir e desconstruir o Maranhão; qualificar e/ou desqualificar personagens da vida política, processo intensificado

num momento de acirrada disputa pelo poder político, sobretudo pelo controle do Aparelho de Estado, como ocorreu no período analisado.

Nesses termos, os jornais impressos maranhenses, sobretudo no recorte temporal que se analisou, comportam-se como verdadeiros construtores e tradutores da *Athenas Brasileira*, em especial, das elites e, supostamente, do povo a quem os jornais se atribuem a responsabilidade de conduzir, no espaço geográfico Maranhão, mas, principalmente, no espaço simbólico da *Athenas*, onde as disputas por posição de fala e de memórias são uma constante, desde o século XIX, espaço em que se constroem os Maranhões, tão permanentes quanto fugazes, como o direcionamento das águas do Atlântico em preamar e baixa-mar da Ilha-Maranhão (um fenômeno singular dos movimentos das marés maranhenses).

Eis a razão por que o Maranhão ou os Maranhões são, ao mesmo tempo e, na mesma época, rico e pobre; livre e oprimido; desenvolvido e retrógado; promissor e atrasado; bem administrado, confiável para investimentos e/ou, ao contrário disso, um estado à deriva. Em comum, entre configurações tão divergentes, Maranhões construídos, pensados, em torno das elites, que figuram como principais personagens das narrativas jornalísticas analisadas. Elites, aliás, a quem se atribui a responsabilidade de “conduzir” o estado e seu povo, “salvando” e/ou “libertando”; “afundando” e/ou “destruindo”. Em qualquer dessas situações, subjaz o Maranhão *Athenas Brasileira*, berço de intelectuais, que cultuam a maestria do poeta, do escritor e do jornalista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Josefa M. e S. B. **As narrativas da Athenas brasileira**: Modos de dizer e modos de ser no jornalismo maranhense. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação. Niterói, 2011.

BALEIRO, Zeca. Maranhão, engenhosa mentira: Não me espantará que num futuro próximo o Maranhão venha a ser chamado de "Uganda brasileira". **Istoé Independente**. São Paulo. 1 abr. 2009. Colunas e Blogs. Disponível em: <http://www.istoec.com.br/colunas-e-blogs/coluna/10800_MARANHAO+ENGENHOSA+MENTIRA>. Acesso em: 3 set. 2011.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas Equicional**: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. 2009. 332f. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CAMPEDELLI, Samira Y.; SOUZA, Jésus B. **Literaturas Brasileira e Portuguesa**. Teoria e Texto. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia: (1950-1987)**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres: Sage Publications, 2009.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

PINTO, Pâmela Araújo. **As interfaces do jornalismo nacional e regional no Brasil: Roseana Sarney e o caso Lunus**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Niterói, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das Imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

RESENDE, Rafael Serra de. **Da ágora ao pantheon: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão**. **Outros tempos**. São Luís, v. 4, n. 4, p. 70-91, 2007.

SARNEY, José. Amor ao Maranhão. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 9 de out. 2001. Coluna do Sarney, p.1.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 1 ed. São Paulo: Livraria José Olympio Editora S.A., 1962.